

CEDI

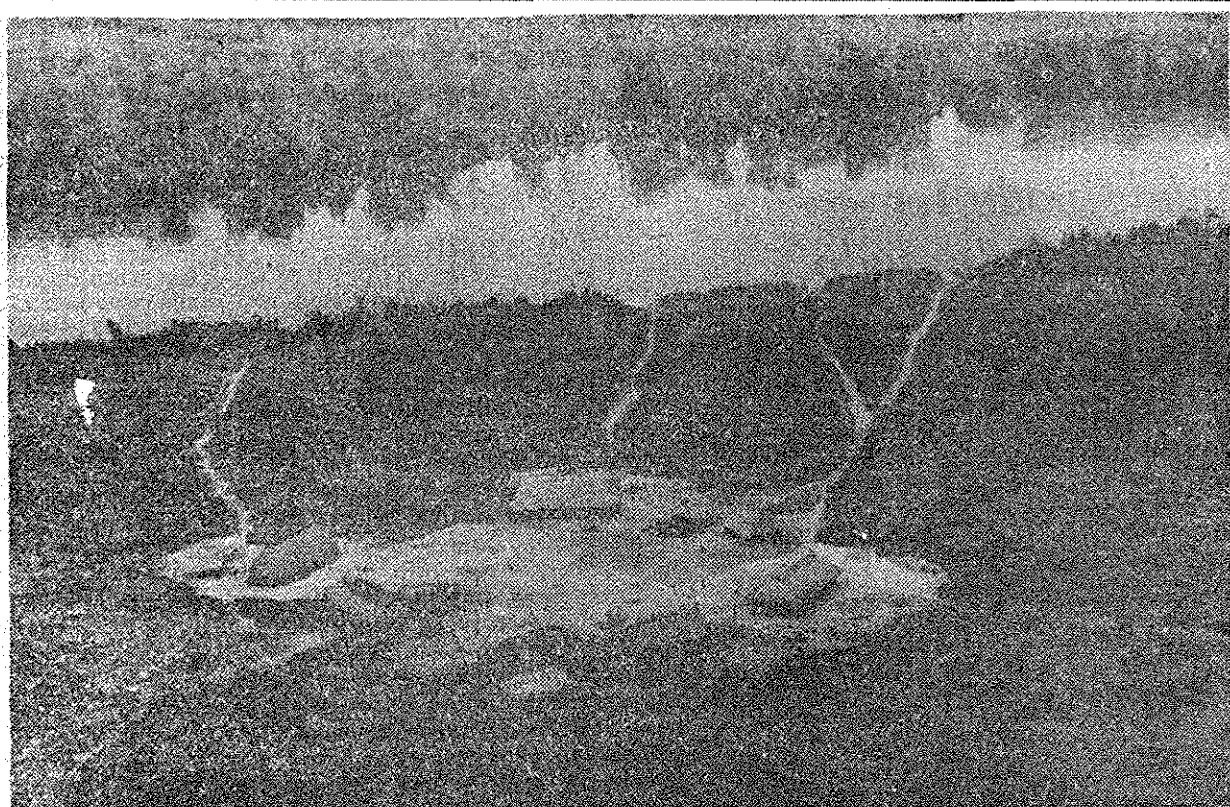
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal do Brasil*

Class.: *PIX-BR80 387*

Data: *02.01.74*

Pg.:



As pastagens rompem o equilíbrio da região, onde o índio se vê despojado de seu ambiente



A fauna do Xingu se desloca à procura da mata, cada vez mais escassa com a colonização

Fazendas de gado ameaçam a fauna e a flora do Xingu

02/01/74

Edilson Martins e Ariovaldo dos Santos

Enviados especiais

Xavantina, Mato Grosso — Embora a BR-080 tenha cortado a faixa Norte do Parque do Xingu, um perigo de consequências até mais nocivas começa a se manifestar na região: as fazendas de gado, que com seus desmatamentos e invernadas dominam toda a paisagem à volta do rio e quebram o equilíbrio de flora, fauna e fertilidade.

Sul-Missu, Tapiraguaiá, Tanguru, Soberana, Sete de Setembro, Pordolândia, Guanabara, Santa Emília, Santa Maria, Providência, Agro-Peixim e Sete Ranchos são algumas destas vastas fazendas, muitas com projetos que ultrapassem 200 mil cabeças de gado. Como observam os técnicos, o boi penetra, ocupa e devasta, mas não fixa homem à terra.

A OCUPAÇÃO

Nem sempre, ou quase nunca, as frentes de ocupação brasileiras ou portuguesas levaram em conta a necessidade de se preservar a fauna e flora, havendo mesmo, algumas vezes, um total desrespeito pelas reservas florestais. Esta atitude histórica terminou consolidando um desequilíbrio ecológico.

As chamadas matas subtropicais abrangem as regiões de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, se estendendo até o Sul de Minas e Edo Horizonte. Este tipo de mata determina um tipo de flora específica, onde a araucária pontifica. Toda essa mata se encontra praticamente destruída, e uma visão desses Estados, de avião, testemunha o fato: os pilotos chamam tais áreas de "barreiras", com inexpressivos tuos de cabelos.

No centro desse fenômeno encontram-se os ciclos econômicos do café e do gado, que pa a se implantar recolaram a queimadas.

A IMPORTANCIA

Na medida em que as regiões periféricas do Parque Nacional do Xingu são sendo ocupadas pelas frentes pioneiras, um fenômeno curioso e triste está ocorrendo: os animais de pequeno, médio e grande porte, assustados e perseguidos, fogem para áreas não devastadas e o Xingu surgiu então como a melhor alternativa. Os 22 mil quilômetros quadrados do Parque, ocupados por 15 tribos, que não comem carne, e cultivam com respeito estas terras são o ponto natural dessa convergência.

As áreas do Alto Xingu, onde se encontra o parque, possuem uma mata de médio porte, já densa em alguns pontos, com os afluentes do grande rio de água marcadamente escura. Essa mata de transição, exuberante, determinando uma fauna e flora específica, faz do Xingu uma das regiões mais bonitas do interior do país, destacando-se o rio, de beleza incomparável. Nem mesmo o Araguaia o supera em beleza, já que as praias do Xingu, imensas e brancas, ainda apresentam o traçado, os patos selvagens, as capivaras, as antas, os macacos, as onças e veados.

A mata equatorial amazônica se estende pelo Maranhão, Pará, Norte de Mato Grosso, onde se encontra o Parque do Xingu, Rondônia e Acre. Ela abrange ainda áreas da Bolívia, Peru, Venezuela e Colômbia, indo até as rampas dos Andes. Subdivide-se em diferentes tipos. Há o Baixo e Alto Amazonas, cada um com suas espécies de fauna e flora, suas características próprias, seu universo particular. A abertura de uma estrada, nessa floresta, densa e fechada, assim como de uma invernada, ou clareira, altera toda a ecologia local. Por exemplo, a presença de luz solar afugenta uma infinidade de pequenos e médios insetos, que não suportam a claridade. Os animais malvados, que se alimentam deles, são assim obrigados a fugir.

O SISTEMA

Há menos de um século o Sul de Mato Grosso, hoje uma região devastada e árida, possuía uma floresta subtropical, só existente ainda no Norte do Estado. Em todos os Estados de mata subtropical, o gado foi lançado em centenas nos campos abertos pelos cafezais. A erosão tornou-se assim mais ativa, mais atuante, já que não havia mais a proteção da vegetação. O vento se manifesta com mais violência nas rampas e as chuvas cumprem seu papel erosivo.

Um exemplo significativo da abertura de uma estrada e suas consequências pode ser mostrado pela Belém-Brasília. Zoológicamente, todo esse trecho de mais de 2 mil quilômetros não tem mais nenhum interesse para os pesquisadores. Os cientistas, quando precisam pesquisar essas áreas, são obrigados a percorrer um raio de mais de 150 quilômetros na periferia da estrada, e mesmo assim quase nada encontram de interesse biológico, já que os pássaros e animais, quando não ruídos, só tiveram a alca nativa da fuga.

As rocas, queimadas e estradas de forma mais profunda determinam a entrada de luz nessas florestas. Há um tipo de fauna que exige escuridão. Com luz, ela não sobrevive, sofre violentação. E existe um intrincado universo de dependência, de integração: a flora depende do solo e a fauna precisa da flora. A região do Araguaia durante séculos foi ocupada pelos carajás, que há menos de dois séculos somavam mais de 30 mil índios. Hoje, está desfigurada, com a ocupação civilizada.

GRANDE EXODO

As fazendas, com suas invernadas e desmatamentos, estão cercando o Parque do Xingu. De avião, quando voa baixo, pode-se sentir ineficientemente toda essa situação, que de certa forma assume um caráter até mesmo trágico e triste. O Parque do Xingu, exuberante, com o rio majestoso e largo, feito um lençol fengol verde, a receber tranquilamente os afluentes meno-

res de sua bacia, está cada vez mais espremido, cercado, circundado pelas clareiras, campos de pouso e uma ou outra estrada vicinal.

A impressão que se tem é de uma ilha de exuberância paisagística, com seus bichos e aves, rios piscosos, cercada pela ocupação que avança, cada vez mais penetrante. No centro do parque os índios, até há pouco tranquilos, agora já presentes, na riqueza de seu universo intuitivo, que algo grave se aproxima. As doenças, antes desconhecidas, já eliminam até mesmo os mais fortes capitães, e as primeiras levas de civilizados começaram a deixar a marca de suas presenças nas matas xinguanas.

Os recentes conflitos entre os índios txucamarrães, do Parque do Xingu, com frentes de posseiros nas margens da BR-080, foram o primeiro sinal de uma crise. Os txucamarrães, que fogem de frentes pioneiras há mais de quatro séculos, sabem que os carajás — civilizados — nem sempre inspiram confiança. Bedial, um grande e consciente capitão txucamarrã, dizia outro dia, com um sorriso tranquilo que "carajá traz morte e doença para nosso povo; enquanto puder, índio resiste."

Os carajás no Araguaia acabaram com a civilização. Hoje são bedintes. Os xavantes em Mato Grosso estão de armas na mão defendendo suas terras contra fazendeiros ambiciosos. Os cintalargos em Rondônia já se iniciaram no vício da cachaca.

No Parque do Xingu, onde a intangibilidade e combatividade dos Vilas Boas não permitiu que se fizesse nada nesse sentido, ainda se ouve o grito e o canto dos índios da região, principalmente nas grandes solenidades sócio-religiosas, espalhando-se pelos patios das aldeias, chegando até as praias xinguanas.

Índio aculturado devasta área no Sul

Porto Alegre (Sucursal) — O Tenente Prieto, da Brigada Militar, entregará hoje ao Comandante do 3º Batalhão de Polícia Militar um relatório da visita que fez ao Parque Estadual do Itapuã — 40 quilômetros ao Sul desta capital — onde cerca de 50 índios aculturados, de procedência argentina, estão depredando fauna e flora.

O Parque do Itapuã é uma área de 1535 hectares, há pouco reservada pelo Governo do Estado, situada na margem Norte da lagoa dos Patos. Embora próxima a Porto Alegre, a área foi conservada mais ou menos virgem, e nela existe grande quantidade de bugios. Segundo informações de moradores da região, os índios estão caçando os macacos e derrubando palmitos para comer.